



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,  
no contexto da Diversidade Cultural

**JACYLENE CECILIA PEREIRA RODRIGUES**

**AS PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES SOBRE A PRÓPRIA  
SEXUALIDADE E O CONVÍVIO SOCIAL**

Brasília/DF

2015

**JACYLENE CECILIA PEREIRA RODRIGUES**

**AS PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES SOBRE A PRÓPRIA  
SEXUALIDADE E O CONVÍVIO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade de Brasília  
(UnB), como requisito para obtenção do  
grau de Especialista em Educação em e  
para os Direitos Humanos no contexto da  
Diversidade Cultural

Brasília  
2015

**JACYLENE CECILIA PEREIRA RODRIGUES**

**AS PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES SOBRE A PRÓPRIA  
SEXUALIDADE E O CONVÍVIO SOCIAL**

O Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de JACYLENE CECILIA PEREIRA RODRIGUES, intitulada AS PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES SOBRE A PRÓPRIA SEXUALIDADE E O CONVÍVIO SOCIAL, submetido ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, no âmbito da SECADI/MEC, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, foi defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

Brasília, 14 de novembro de 2015

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Jane Farias Chagas-Ferreira - Presidente  
Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Edna Rodrigues Barroso

Dedico este trabalho aos meus professores, aos  
meus alunos e a minha família.

## **AGRADECIMENTOS**

Meus sinceros agradecimentos aos professores, tutores e orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso. Agradeço também aos meus alunos, pela oportunidade de desenvolver com eles oficinas, dinâmicas e pesquisa que resultou no desenvolvimento deste trabalho. A todas as pessoas que de alguma forma também contribuíram e a minha família e amigos que cotidianamente contribuíram e continuamente contribuem em todas as minhas conquistas.

**“A essência dos Direitos Humanos é o  
direito a ter direitos”**

Hannah Arendt

## RESUMO

A partir da premissa dos direitos humanos de assegurar ao cidadão o direito ao conhecimento, Direitos estes, que podem ser efetivados através das políticas públicas, do objetivo de mediar possíveis conflitos e viabilizar o direito de vivenciar o período da adolescência, foi desenvolvido este trabalho envolvendo diversas dinâmicas e preenchimento de questionário. O questionário foi respondido pelos alunos com o objetivo de buscar compreender seus anseios, questionamentos e contribuições do grupo participante. O trabalho realizado buscou contribuir para dirimir dúvidas, além de fomentar o respeito pelos direitos do outro, compreensão e aceitação de si próprio de ser como é e dos outros serem como são, no que tange a sexualidade de cada indivíduo. Buscamos, a partir desta pesquisa, discorrer sobre algumas concepções dos estudantes de ambos os sexos de uma escola municipal localizada no estado do Goiás. Os estudantes participaram de forma ativa e apresentaram um significativo crescimento na capacidade de elaboração de conceitos inerentes ao tema sexualidade. No início se apresentaram um pouco melindrados diante dos estímulos de expor opiniões próprias, mas que no decorrer do desenvolvimento das atividades, tornaram-se mais participativos, enriquecendo as atividades propostas.

Palavras-chave: adolescência. sexualidade. diversidade. direitos.

## SUMÁRIO

Introdução -----	10
Contextualização -----	11
Referencial Teórico -----	12
Formulação do Problema -----	12
Objetivo Geral -----	13
Objetivos Específicos -----	13
Justificativa -----	13
Metodologia -----	15
Resultados -----	19
Discussão -----	20
Considerações finais -----	22
Referências -----	23
Anexo 1: Questionário Respondido Pelos Alunos -----	26
Anexo 2: Fotos das Atividades -----	27



## INTRODUÇÃO

Apesar de ainda haver nas salas de aula e em outros ambientes muitos tabús, e por vezes tratar-se de tema interdito, para abordar o tema sexualidade é necessário à compreensão do autoconhecimento e a valorização do outro, pois é característica necessária ao ser humano, faz parte da condição humana. No contexto social, as vivências da sexualidade trazem múltiplas implicações que transformam o ser macho e o ser fêmea em um conjunto de possibilidades de gênero que vão além da expressão biológica da sexualidade.

Neste trabalho, defendemos a sexualidade como a vivência do prazer e como o conjunto de crenças e valores que a pessoa constrói sobre si, seu corpo e seu jeito de atuar no mundo social. Portanto, a construção da sexualidade acontece ao longo da vida da pessoa, sendo percebida de maneira especial na adolescência, por ser o momento que socialmente é marcada por transformações físicas e psicológicas ligadas ao sexo. A desinformação de adolescentes sobre a fisiologia do corpo pode levar a interpretações equivocadas, contribuindo para a vivência de conflitos que poderiam ser evitados através de informações simples e adequadas a respeito do processo de desenvolvimento puberal, maturação sexual, assim como diferentes aspectos da sexualidade (GOMES, 2002). Como seres sociais, nos relacionamos com diferentes grupos: família, vizinhos, colegas da escola, amigos e outras pessoas com as quais mantemos encontros sociais. Dessa forma, as informações sobre a vida, incluindo aí, informações sobre a sexualidade são trocadas nas rodas de conversa e nos diversos encontros sejam eles presenciais e/ou virtuais que os adolescentes contemporâneos participam. Estas informações são carregadas de valores sociais coletivos e/ou pessoais que contribuem para que os adolescentes construam sua ideia de sexualidade e de como vivê-la. A internet, a televisão, o rádio e os meios de comunicação em massa em geral também contribuem nesse processo de construção de significados e práticas sociais.

A escola pode e deve contribuir promovendo discussões, colocando em pauta questões relacionadas à sexualidade e suas vivências. Discussão esta prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), quando alerta que tais discussões tem o objetivo de promover o respeito a si próprio e à diversidade. Nas matrizes curriculares do estado do estado de Goiás (BRASIL, 2009), nos eixos

temáticos, Corpo humano e Saúde, as expectativas de aprendizagem, dispõe dentre outros aspectos identificar a sexualidade como um processo do desenvolvimento físico e emocional e compreender a própria sexualidade não discriminando orientações sexuais diferenciadas.

Todo trabalho deve ser voltado ao combate às discriminações, compreensão de que sexo envolve questões individuais e sociais e que sua prática requer comportamentos de segurança e mútua confiança.

O exercício da sexualidade de forma irresponsável e inconseqüente acarreta conflitos e pode trazer alterações nos projetos futuros de cada adolescente, resultando, muitas vezes, em situações de gravidez indesejada, aborto, DSTs / HIV, abandono escolar e delinqüência que, conseqüentemente interferirão em sua saúde integral (Soares et al, 2008). Alguns indicadores nacionais apontam para dados preocupantes como o fato de 70% dos casos de HIV hoje existentes no país atingem uma parcela da população entre 20 e 39 anos, da qual a grande maioria contraiu o vírus na adolescência (PRATTA, 2006).

Neste contexto surgiu a preocupação de se investigar junto aos adolescentes alguns aspectos relacionados à sexualidade, suas concepções, bem como averiguar com quem esses jovens conversam sobre o tema no cotidiano. Quem são os grupos sociais de pessoas que eles sentem prazer em debater o assunto. Onde buscam sanar as dúvidas, expor seus sentimentos e experiências, quem são, na visão deles, o(s) grupo(s) social(is) ideal(is) para se conversar sobre sexualidade e a que atribuem possíveis restrições quanto a algum(ns) grupo(s).

Esse trabalho faz um recorte temático sobre a problemática da construção das prerrogativas dos direitos humanos no Brasil, para o que realiza um breve relato sobre o significado e o processo histórico de construção desses direitos. Posteriormente, problematiza-se como eles são ou podem ser efetivados através das políticas públicas.

## **CONTEXTUALIZAÇÃO**

Atualmente a adolescência pode ser vista como uma categoria social e com isto ser considerada um período no processo de desenvolvimento do ser humano marcado pela transição do estado infantil para a fase adulta (PRATTA, 2006). A etimologia do termo provém do verbo “adolescere” que denota brotar, fazer-se

grande. Em geral, a concepção de adolescência que prevalece no senso comum é aquela que define a adolescência como um período de crescimento, compreendido entre a infância e a adultez, permeada por um conjunto de mudanças físicas e psicológicas que desencadeiam comportamentos aparentemente inadequados como rebeldia e intolerância ao convívio familiar (AGUIAR, 2007).

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A Organização Panamericana de Saúde, OPAS, define que a adolescência compreende os indivíduos cuja faixa etária vai dos 10 aos 19 anos de idade. Há uma pequena variação quanto a classificação da faixa etária entre alguns órgãos. O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, (Lei no 8.069 de 13/07/90), considera adolescente o indivíduo que se encontra dentro da faixa etária dos 12 aos 18 anos (BRASIL, 2002). A Organização Mundial da Saúde - OMS classifica a adolescência como um período que tem seu início aos 10 e término aos 20 anos de vida. Ainda observando alguns dados da OMS a concepção da adolescência em 1974, correspondia às seguintes transformações: a) o indivíduo passa do ponto do aparecimento inicial dos caracteres sexuais secundários para a maturidade sexual; b) os processos psicológicos do indivíduo e as formas de identificação evoluem da fase infantil para a adulta; c) a transição do estado de dependência econômica total passa a outro de relativa independência.

Mesmo havendo uma pluralidade de compreensões e definições sobre o que é adolescência, os autores reconhecem que as mudanças sexuais promovidas pela puberdade são um marco em praticamente todas as culturas. O aparecimento dos caracteres sexuais primários e secundários reposicionam de forma diferente a pessoa adolescente no contexto social. A escola é um espaço que não concorre com a função da família, porém, neste espaço há uma abordagem sistemática da sexualidade humana (BRASIL, 2009).

## **FORMULAÇÃO DO PROBLEMA**

A questão norteadora que provocou o interesse em desenvolver este trabalho surgiu como a partir da questão comportamental vivida pelos jovens escolares. A questão inicial era: “O que você entende como diferenças entre os indivíduos?” Tal questionamento foi dando margem a outras questões: Como se veem diante de uma

sociedade com as características que temos hoje? Como lidam no dia-a-dia com as diferenças e escolhas dos outros indivíduos? A proposta é estabelecer um momento em que possamos juntos dialogar no sentido da busca do diálogo e atendê-los, na medida do possível em demandas, questionamentos, dúvidas e inseguranças. Proporcionar momentos de conversa e explorar todo o arcabouço de conhecimentos e contribuições que podem oferecer à sociedade. Além destes momentos, outro muito importante é a aplicação de um questionário com a finalidade de uma análise de todo o trabalho. Ocorrerá nas aulas de Ciências, a partir de uma introdução e criação de um momento propício devido ao fato de que muitos conteúdos inerentes a Sexualidade estão previstos nos PCNs Ciências Naturais (BRASIL, 1997).

### **OBJETIVO GERAL**

O objetivo do trabalho foi investigar as concepções que os alunos têm e como lidam no cotidiano com a sexualidade e diversidade, presentes no ambiente escolar. Realizar com os estudantes, alunos de uma escola rural do Município de Planaltina de Goiás, que cursam o 9º ano do ensino fundamental na rede pública.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

a) Promover oficinas com os alunos e professor com dinâmicas, jogos, vídeos, textos com referencial teórico, textos reflexivos e rodas de conversas.

b) Investigar suas concepções sobre Sexualidade e Diversidade.

### **JUSTIFICATIVA**

Os adolescentes, precisam ser atendidos em suas demandas, questionamentos, dúvidas e inseguranças. É necessário também serem ouvidos e explorados em todo seu arcabouço de conhecimentos e contribuições que podem oferecer à sociedade. Há uma generalizada ausência de discussões com temas relacionados a sexualidade, que em muitas escolas nada se aborda sobre este tema. a população de adolescentes constitui um grupo de risco, e que precisa de programas em políticas públicas voltados para garantir o caminho da juventude rumo ao exercício pleno da cidadania e que assim comecem a ter perspectivas (BRETAS, 2005). A proposta da orientação sexual não é despejar sobre os adolescentes conhecimentos e teorias pré-elaboradas, mas propor diálogos, mesas redondas de debate, para que juntos, educador e educando, possam internalizar aquilo que

certamente já ouviram em alguma situação ou mesmo em sala de aula. Oficinas neste contexto pode auxiliar a dirimir um pouco das dúvidas e proporcionar trocas de experiências de cunho pessoal, filosófico, religioso, ideológico.

Nos dias atuais há diversos meios, inclusive as várias mídias (redes sociais), pelo qual os adolescentes acessam questões relativas a sexualidade, pois o tema de é bastante amplo e envolve toda a vida do ser humano, pois, “sexualidade é um conjunto de ações e relações, da pessoa consigo mesma e com as outras. É um elemento básico da personalidade que determina no indivíduo um modo particular e individual de ser, de manifestar-se, de comunicar-se, de sentir, de expressar e de viver. Falar da sexualidade é, ao mesmo tempo, falar da individualidade e da cultura: crenças, valores e emoções” (OLIVEIRA, 2006).

A partir da década de 1970, se intensificou muito a discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de primeiro e segundo grau e se deu por ser considerada importante na formação global do indivíduo (BRASIL, 1997). Temos observado que se conversa muito nas rodinhas pelos cantos do colégio, na rua com os amigos, e é exaustivamente explorado pela mídia, dentre outros. Porém, esta abordagem nem sempre ocorre dentro das escolas, em salas de aula. O exercício da sexualidade de forma irresponsável e inconsequente acarreta conflitos e trazem alterações nos projetos futuros de cada adolescente, resultando, muitas vezes, em situações de gravidez indesejada, aborto, DSTs / AIDS, abandono escolar e delinquência que, conseqüentemente interferirão em sua saúde integral (SOARES et al, 2008). As políticas públicas, cuja essência deposita-se no governo de leis e no funcionamento dos poderes que garantem as relações na sociedade (BIDARRA, 2006), por meio dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que defendem que influências dos pais, religiosas, mídia, livros e pessoas não pertencentes a família, programas jornalísticos, dentre outros produzem estímulos sexuais devem ser trazidos a escola para com isto desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa.

Seguindo as orientações dos PCNs tratar o tema sexualidade também contribui para se prevenir situações graves como o abuso sexual, gravidez indesejada, contágios de DSTs / AIDS, dentre tantos outros problemas. As informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção desses problemas (BRASIL, 1997).

É neste contexto que surgiu a preocupação de se investigar junto aos adolescentes alguns aspectos relacionados a sua sexualidade, suas concepções, bem com buscar averiguar o que eles compreendem e como lidam com as diferenças de gêneros. De onde vem e como são as influências que receberam quanto ao trato com o que consideram ser pessoas diferentes. De posse dos dados obtidos, a análise será feita no sentido buscar traçar um perfil comportamental dos adolescentes envolvidos na pesquisa.

## **METODOLOGIA**

### **Participantes**

Participaram de quatro oficinas, vinte e sete alunos, destes 06 eram do sexo masculino e 21 do sexo feminino, com a faixa etária entre 14 e 19 anos. Aconteceu, também, uma pesquisa com estes adolescentes. A escolha dos alunos se deu de forma aleatória por amostragem Aleatória Simples (GIL, 1996).

### **Descrição das atividades desenvolvidas**

Foi encaminhado através dos alunos o termo de consentimento livre e esclarecido e foram colhidas as assinaturas dos pais ou responsável. Este documento solicitou aos pais ou responsável a autorização para que os filhos participassem de todas as atividades, inclusive da pesquisa que foi realizada concomitantemente. Há estudantes com idade até 19 anos, embora cursando o 9º ano do ensino fundamental, da rede regular de ensino e no período matutino, há estudantes nesta faixa etária, devido ao fato da escola está localizada em zona rural e como não há outra escola nas proximidades, foi autorizado pela Secretaria de Educação da cidade que estudantes fora da idade própria estudem na escola.

Quase todos os alunos informaram que os pais ficaram muito satisfeitos com a proposta do trabalho que seria realizado, com exceção de uma aluna, pois os pais não autorizaram sua participação. A alegação dos pais foi por questões religiosas, segundo a aluna, porém não aprofundaram na justificativa.

Para o dia da culminância, acordamos com os demais professores da outras disciplinas que ficaríamos com a manhã inteira por conta destas atividades. Nas três últimas aulas da minha disciplina em dias anteriores, em que estive nesta turma, comuniquei aos estudantes sobre o trabalho que seria desenvolvido. Assistimos

alguns pequenos filmes com duração média de cinco minutos, todos relacionados ao tema sexualidade e diversidade. Um filme maior, com duração de uma hora e dez minutos, que assistimos juntos, foi o documentário: Meninas (WERNECK, 2006) e foi possível assistir em um dos dias em que tivemos aula dupla. Sempre ao final dos vídeos/filmes conversávamos sobre o assunto apresentado.

Foi utilizado questionário com dez questões a serem respondidos pelos participantes. No ambiente em que nos encontrávamos (auditório), os alunos foram cada um para um canto para refletir e responder o questionário.

A unidade educacional escolhida para efetuar a pesquisa é a Escola Municipal Felipe de Lyon (escola rural), na qual trabalho há quase três anos. Situada no Loteamento Santa Maria, Lagoa Formosa, Planaltina/GO, a 80 km de Brasília/DF. Foi fundada em 25/04/1986, a margem Lagoa Formosa. Com a missão e o propósito de levar educação a comunidade local que era e ainda hoje é constituída, em sua maioria, por caseiros, que prestam serviços nas chácaras de recreio de pessoas de classe média/alta de Brasília. No início se chamava Escola do Sol e contava com apenas seis alunos, uma professora e uma zeladora.

A escola recebeu esse nome em homenagem ao mestre Phelipe, médico italiano que era conhecido como “Pai dos Pobres”. A história conta que o mesmo nasceu na cidade de Loisinex em 25/04/1886, e faleceu na cidade de Lyon, onde viveu desde os 14 anos. Era médico e se dedicava a prestar serviços voluntários para comunidade de baixa renda. Devido ao perfil que demonstrou onde nunca teve preferência por nenhuma classe social em especial, falava sempre com muita simplicidade, tinha grande conhecimento lógico e moral.

Um fator que é extremamente importante mencionar sobre a história desta unidade escolar se dá desde o início ideológico que começou pela ação de uma moradora local, aposentada Maria Vitória Garófalo, francesa, fundadora do Instituto Felipe de Lyon, aos 81 anos. Tratava-se de uma organização sem fins lucrativos voltada ao ensino fundamental e profissionalização de jovens de baixa renda.

Hoje, no ano de 2015, a escola conta com 494 alunos, distribuídos entre a educação infantil que vai de 4 a 5 anos; os da primeira fase do ensino fundamental que vai do 1º ao 5º ano e os da segunda fase que vai do 6º ao 9º ano.

Os estudantes, moradores da zona rural de Planaltina de Goiás, apresentam comportamento, que julgamos ser diferente dos demais alunos da cidade, no que diz respeito com o trato com a natureza, conhecimento mais técnico do que é

relacionado com o trato campestre, cordialidade e respeito pelos professores e colegas. Talvez características estejam ligadas ao pouco acesso com a rotina agitada das grandes cidades e um menor acesso as tecnologias da informação e estas especificidades se reflitam em jovens mais inocentes. Isto se percebe, tanto pelo diário com os alunos, como a partir das abordagens quando iniciamos as atividades descritas neste trabalho.

Selecionamos os estudantes do nono ano pelo fator de estarem no último ano na escola. A partir do próximo ano, os mesmos irão para outra escola e na cidade cursar o ensino médio. Foi também, por conta das atividades desenvolvidas, momentos descontraídos e uma homenagem a turma que irá deixar a escola no final deste ano.

A data da culminância das atividades e aplicação do questionário que veio a gerar a pesquisa se deu numa manhã inteira de sexta-feira. Os demais professores, colegas de trabalho, cederam seus horários de aula para que esta turma e eu desenvolvêssemos as atividades. Contudo, em três dias de aulas anteriores, apresentei à turma a proposta deste trabalho, encaminhei aos seus pais e/ou responsáveis, através dos estudantes, o termo de consentimento livre e esclarecido para colher assinatura informando e solicitando autorização para que os filhos participassem de todas as atividades, inclusive da pesquisa que seria feita.

De posse, das autorizações, iniciamos a leitura de alguns conceitos relacionados ao tema e assistimos alguns vídeos. Foram vários vídeos com duração que variava em média de cinco a dez minutos cada. Com relação aos vídeos, dos mais longos, selecionei algumas cenas, àquelas mais relacionadas a um contexto mais descontraído. Foi incrível que a experiência, chamou a atenção de toda a escola e foi solicitado pelos professores, colegas de trabalho, que deste trabalho fosse elaborado um projeto a ser desenvolvido em toda a escola para o próximo ano letivo. Ficamos de nos reunir para escrevermos o projeto

As oficinas ocorreram com os alunos do 9º ano do ensino fundamental. Durante as atividades foram desenvolvidos dinâmicas de grupo; debates e reflexões sobre vários temas como sexualidade, diversidade, auto-conhecimento, comportamento, convívio social, sexo e outros conceitos inerentes à estes tema, dentre outros assuntos; apresentação de vídeos relacionados ao tema e preenchimento do questionário (pesquisa), que será analisado neste trabalho.



Foram exibidos em três dias anteriores à culminância, mais precisamente em três aulas anteriores, os seguintes filmes:

1. Descoberta da Sexualidade Feminina (SILVA, 2014);
2. Anime gato e coelha (Sambakza, 2007);
3. Minha vida de João – Saludy Género (PAPAI, 2014);
4. Violência gera violência (PROMUNDO, 2008);
5. Animação alertando sobre o perigo da AIDS.(PARIS, 2012);
6. O que é sexualidade? O adolescente e a cultura do corpo (VIEIRA, 2012).
7. A Adolescência e a Sexualidade (ALMEIDA, 2010).
8. Era uma vez outra Maria (PROMUNDO, 2008);
9. História de uma gravidez indesejada (BASSO, 2007);
10. Documentário: Meninas (WERNECK, 2006);
11. Viagem Fantástica do Corpo Humano, o incrível processo do Nascimento ate á morte (VARELA, 2012);

Os sete primeiros filmes, que têm cada, uma duração em média cinco minutos, foram apresentados na primeira aula. Os filmes de número oito ao número dez foram apresentados na segunda aula, sendo que os filmes: Era uma vez outra Maria e História de uma gravidez indesejada, tem uma duração de cinco minutos, cada. O Documentário: Meninas, que também foi apresentado nesta aula, tem uma duração de uma hora e dez minutos. Todos foram apresentados e discutidos os temas abordados. O filme de número onze que tem uma duração de uma hora e vinte e dois minutos, foi apresenado na terceira aula. Ao final de cada exibição de filme, foi debatido os temas abordados.

No dia da cuminância deste projeto, os professores do colégio, cederam suas aulas e ficamos durante todo o turno matutino de aula em prol destas atividades, que compreenderam os horarios das sete horas e trinta minutos até as doze horas. Os estudantes participaram de forma efetiva em todas as etapas e a grande maioria respondeu todas as questões propostas no questionário (anexo 1), que fora aplicado ao final das atividades.

## RESULTADOS

No início das atividades foi perguntado ao grupo, oralmente, sobre o que cada um compreendia como sendo: sexualidade. Muitos optaram por não responder a questão e dentre os que responderam prevaleceu palavras e conceitos relacionados a sexo, exclusivamente, em quase todas as falas. Ao final das atividades e após o desenvolvimento de toda a oficina, onde foram apresentados e discutidos os conceitos que eles próprios conseguiram elaborar a partir das atividades desenvolvidas. A mesma questão foi feita, como parte integrante do questionário respondido pelos alunos. Na questão de número cinco, propunha-se: O que você entende por Sexualidade? As respostas sofreram alterações e foram então agregadas as escritas relacionadas aos comportamentos como “valorização”, “respeito”, “autoconhecimento”, “não se tratar apenas de sexo”, “carinho, afeto”, “personalidade”. Apenas um participante não respondeu esta questão.

Como relação ao conceito de “Diversidade”, que foi perguntado na questão de número seis, tanto no início, quanto ao final das atividades, os alunos associaram esse conceito às “diferenças existentes entre as pessoas”, “jeitos e formas de viver a vida”, “características inerentes a cada ser humano”, “ser diferentes uns dos outros, cada um com suas características”. Os participantes do sexo masculino não responderam claramente a questão, a maioria das respostas escritas revelou: “não saber responder” a questão. Quatro participantes não responderam esta questão.

Na questão de número sete: Como você costuma lidar com pessoas que você considera iguais a você? Os estudantes se mostraram bastante confortáveis e prevaleceu a escrita de que preferem participar de grupos em que os integrantes apresentam posturas/características “semelhantes”, “em comum”. Praticamente todos sinalizaram como sendo bom lidar com pessoas “iguais”. Dois participantes deixaram esta questão sem resposta.

A questão de número oito teve como proposta ser um contra-ponto à questão anterior e propôs uma reflexão ao perguntar: Como você costuma lidar com pessoas que você considera diferentes de você? Entre as respostas, percebemos que quatro dos participantes se mostraram bastante desconfortáveis e se apresentaram dificuldades em se relacionar com pessoas que julgam diferentes. Contudo não apresentaram elementos que caracterizassem o que julgam como diferenças entre as pessoas. Dois participantes deixaram a questão sem resposta.

Na questão de número nove, que perguntou: você acredita que os temas apresentados e discutidos nesta oficina possam te auxiliar de alguma forma no seu convívio social? Todos responderam esta questão proposta e prevaleceu o conceito de “muito” como percepção dos participantes.

Constatou-se que na tentativa de conceituar “Adolescência”, tanto meninos como as meninas parecem ter concepções bem parecidas, onde vemos a prevalência da concepção de “fase” desmembrando para “Fase da vida”.

Quanto a questão de número dez: “Se acredita que as discussões possam te auxiliar, explique por quê?” As colocações foram “aprendendo melhor a lidar com os meus problemas”, “aprender o que ainda não sei” , “aprender no grupo, aquilo que não temos coragem de perguntar”. Apenas dos dos participantes disse que o trabalho desenvolvido nas oficinas não pôde auxiliá-la porque a “deixou com mais dúvidas”. Cinco participantes não responderam esta questão.

Foi percebido uma melhor elaboração na tentativa de definir os conceitos propostos, que foi solicitado no início das atividades e ao final do trabalho realizado. Falas, por vezes, desconexas ou a própria ausência de fala no início, foi se transformando no decorrer das atividades dando lugar a um ambiente repleto de perguntas, colocações e discussões dentro do grupo. A partir de então foi possível que todos participassem respondendo o questionário proposto, enriquecendo muito todo o trabalho desenvolvido.

## **DISCUSSÃO**

Um dos grandes desafios enfrentado nas salas de aulas é mediar os conflitos gerados pelas diferenças existentes entre os estudantes. Diferenças essas que poderiam se tratados como natural, como antes já dito, algo inerente ao ser humano ou mesmo aos seres vivos em geral. Contudo, não ocorre desta forma. Talvez, ainda que se todos fossem anatomicamente iguais, provavelmente, por questões ideológicas, ainda assim as pessoas encontrariam meios de estigmatizar o próximo. Somos sujeitos incompletos, naturalmente insatisfeitos e com isto nem sempre olhamos para o outro como igual. As diferenças existentes em nível físico-comportamental caracteriza a identidade do sujeito.

Cada ser tem seu genótipo, fenótipo e age conforme seus anseios e mediado pelo meio em que vive. Hoje, os que são os mais estereotipados “mulher,

negro/a, gay, lésbica, transexual, dentre outros, e resultam numa maior desigualdade, numa convivência por muitas vezes conflituosa. O que poderia ser encarado apenas como diversidade é encarado por muitas sociedades como mecanismo de exclusão de dominação (NASCIMENTO, 2013). Entre os estudantes participantes deste trabalho foi apresentado comportamento que muito se enquadra neste contexto. Apresentam muita dificuldade em buscar ou manter um bom relacionamento com pessoas que eles consideram ser diferentes e nem sequer aprofundamos sobre as numerosas possibilidades que existem.

A ambientação escolar, como buscamos, tem como princípio uma educação mais filosófica, no que tange introduzir o jovem cidadão no exercício de ator do próprio conhecimento. Sócrates é o grande inspirador da educação em e pela autonomia (PULINO, 2014).

No sistema educacional brasileiro, aumentou consideravelmente o número de jovens na escola e há o desafio em motivá-los quanto a possibilidade de transformação pessoal/social, tudo isto, por conta das condições contextuais e as características dos próprios alunos (LOCATELLI, 2007).

A escola enfrenta os desafios de lidar com as diferenças culturais existentes. O modelo atual, nem sempre existiu e nem existia a concepção de educador/educando. Contudo, hoje, é visto como o lugar onde se é possível estabelecer interações sociais. Lugar do encontro com o outro, visando à educação formal, considerada um direito de todos (GADOTTI, 2005).

Educação e política têm a função de mediar estes aspectos por considerar que o humano, na sua incompletude, atingirá o “aperfeiçoamento” a partir da educação. A educação precisa ter o potencial de projetar o educando para o palco. Ser ator principal e não plateia no seu trajeto acadêmico. Ela possui por natureza as ferramentas para tal projeção. Contudo, é difícil assumir tal protagonismo e percebendo que há o seu palco e que também há diversidades de palcos com os mais diversos protagonistas. Ensiná-los a olhar o mundo, também, pela perspectiva do outro despidos de preconceitos. A filosofia é para nós grande aliado neste exercício. A apropriação desta visão tornaria menos conflituoso a indissociabilidade existente entre a ética e a estética, pois ambas convergiriam sem muito conflito para o mesmo propósito.

Diante desta discussão e das questões relacionadas ao acolhimento dos alunos com todo o seu universo, vimos na prática diária o quanto tem sido difícil

trabalhar o respeito e valorização do outro. A escola tem deixado a desejar, no que diz respeito a oferecer um ambiente acolhedor que consiga cumprir seu papel de oferecer uma educação integral.

É importante observar e mediar os conflitos entre os alunos, observando também o relacionamento interpessoal entre eles. Necessário se faz esgotar as possibilidades de fazer com que um aceite o outro como ele é o valorizasse por isto. Que o respeito e aceitação do próximo seja a meta a ser atingida.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi muito interessante trabalhar esta temática com os estudantes, que se mostraram desde o início bastante interessados, embora um tanto tímidos e retraídos inicialmente, a medida que as discussões avançavam, com pausas para dinâmicas de grupo, músicas e mais discussões, os participantes expunham mais seus pensamentos, ideias, dúvidas e anseios.

Com um contra-tema permeando todo o trabalho desenvolvido, que é a proposta dos direitos humanos, este trabalho desenvolvido visou sempre assegurar ao adolescente o direito do autoconhecimento, de se descobrir pertencente ao grupo e a buscar melhores condições de respeito com o próprio direito e o direito do seu próximo de viver sua plena sexualidade.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J., Bock, A. M. M., & Ozella, S. **A orientação profissional com adolescentes: Um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica.** In A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves, & O. Furtado (Orgs.), *Psicologia sócio-histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia* (3a ed., p. 163-178). São Paulo: Cortez. 2007.

ALMEIDA, Susana. **A Adolescência e a Sexualidade**, 2010. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XzrcCumseTI>> Acesso em: Acesso em 12 set. 2015.

BASSO, laura. **A história de uma gravidez indesejada.** 2007. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=d4UfSSSe0o4> > Acesso em 12 set. 2015.

BIDARRA, Zelimar Soares. **A consolidação dos direitos (humanos) da criança e do adolescente no Brasil e o papel da universidade pública.** Rio de Janeiro, (UERJ), 2006.

BRASIL. ECA, **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Camara dos Deputados, 9ª edição, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília/DF. MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Orientação Sexual.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília/DF. MEC/SEF, 1997.

BRETAS, José Roberto da Silva e Conceição Vieira da Silva. **Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência.** Acta paul. enferm. 2005, vol.18, n.3, pp. 326-333. ISSN 1982-0194.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal.** Sion: Institut International des Droits de 1º Enfant, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª Edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

GOIÁS. **Matrizes curriculares**, Currículo em debate. Reorientação Curricular do 1º ao 9º ano. Goiás: Secretaria de Estado de Educação, 2009.

GOMES. Waldelene de A., Maria Conceição O. Costa, Carlito L. N. Sobrinho, Carlos Antonio de S. T. Santos, Eloísa Barreto Bacelar. **Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes.** Jornal de Pediatria Copyright, 2002.

LOCATELLI, Adriana Cristine Dias, José Aloyseo Bzuneck e Sueli Édi Rufini Guimarães. **A motivação de adolescentes em relação com a perspectiva de tempo futuro**. *Psicol. Reflex.* 2007, vol.20, n.2, pp. 268-276.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do e Polianne Delmondez. **Diferença, Diversidade e Multiplicidade, Cidadania, igualdade e diferença**. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*. São Paulo: nº 59, p.75-94, 2013.

OLIVEIRA, Meire Rose dos Anjos. **Educação e sexualidade: vivências sócio-educacionais de jovens homossexuais**. Cuiabá: UFMT/IE, 2006 131 p. pág. 32.

PAPAI, Instituto. **Minha vida de João**. 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IdSARA4djNA>> Acesso em 12 set. 2015.

PARIS, TBWA. **Animação alertando sobre o perigo da AIDS**. Disponível em <<http://blogdomaha.blogspot.com.br/2010/02/penistory-animacao-alertando-sobre-o.html>> Acesso em 12 set. 2015.

PRATTA, Márcia Ap. B. **Adolescentes e Jovens... em ação! Um estudo sobre psíquicos e sociais que envolvem a educação do adolescente**. Araraquara: Unesp, 2006. 207 p.

PROMUNDO, Instituto, **Era uma vez outra Maria**. 2008. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=BxMLYI\\_ANrA](https://www.youtube.com/watch?v=BxMLYI_ANrA)> Acesso em 12 set. 2015.

PROMUNDO, Instituto. **Violência gera violência**. 2008. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CBq95njazEE>> Acesso em 12 set. 2015.

PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. **Diversidade Cultural e Ambiente Escolar; Diversidade Cultural, Singularidade e Processos de Desenvolvimento e Aprendizagem**. Módulo do curso disponível em <<http://aprender.ead.unb.br/course/view.php?id=632>> Acesso em 18 mai. 2014.

PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. **Diversidade Cultural e Ambiente Escolar; Construção Democrática, Direito à Aprendizagem e à Cultura**. Módulo do curso disponível em <<http://aprender.ead.unb.br/course/view.php?id=632>> Acesso em 27 abr. 2014.

SAMBAKZA. **Gato e coelha**, anime. 2007. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ezsRZ8ZEmJY>> Acesso em 12 set. 2015.

SILVA, Diognnes. **Descoberta da Sexualidade Feminina**. 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ILzzEosgL6Y>> Acesso em 12 set. 2015.

VARELA, Dráuzio, **Viagem Fantástica do Corpo Humano, o incrível processo do Nascimento ate á morte**, 2012. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=SBYujRVVuS0&feature=iv&src\\_vid=Xm0jb7vXSfo&annotation\\_id=annotation\\_978755](https://www.youtube.com/watch?v=SBYujRVVuS0&feature=iv&src_vid=Xm0jb7vXSfo&annotation_id=annotation_978755)> Acesso em 12 set. 2015.

VIEIRA, Sandra Mara, Maria Luiza da Silva, Cristiane Galon, Solgane Pereira de

Souza e Queli Janaína Acker. 2012. **O que é sexualidade? O adolescente e a cultura do corpo.** 2012. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=Y5N\\_IVTUU8k](https://www.youtube.com/watch?v=Y5N_IVTUU8k)> Acesso em 12 set. 2015.

WERNECK, Sandra, Documentário **Meninas.** 2006. <<https://www.youtube.com/watch?v=Npoy3aVGimA>> Acesso em Acesso em 12 set. 2015.